

RESENHA

BROWNE, Paul. "Lukács later Ontology", in **Science and Society**, vol. 54, n° 2, 1990.

OLDRINI, Guido. "Gramsci e Lukács Avversari del Marxismo della II Internazionale", in **Giornale Critico della Filosofia Italiana**, fasc. II, Maio/Agosto, 1991.

OLDRINI, Guido. "Lukács e la via marxista al concetto di *persona*", in **Marxismo Oggi**, Junho, 1993.

TERTULIAN, Nicolas. "Le concept d'aliénation chez Heidegger et Lukács", in **Archives de Philosophie**, Julho/Setembro, 1993.

TERTULIAN, Nicolas. "Georg Lukács et le Stalinisme", in **Les Temps Modernes**, n° 563, Julho/Setembro, 1993.

É interessante acompanhar o debate que se desdobra internacionalmente acerca da *Ontologia* de Lukács. Suas principais características, do ponto de vista formal, ocorrerem principalmente através de artigos ou coletâneas de artigos e exibem uma divisão bastante nítida em países. Enquanto nos EUA e na Austrália, países onde a influência de Agnes Heller e Ferenc Feher se faz mais presente, predomina a vertente que considera a *Ontologia* como um mero retorno à filosofia medieval pela mediação do caráter de fé da "crença" de Lukács no comunismo; na França e na Itália temos as tentativas mais consistentes de abordar esta obra como um avanço decisivo para o marxismo contemporâneo.¹

¹Da primeira vertente, os títulos mais significativos são Congdon, L. *The Young Lukács*, University of North Caroline Press, 1983; Heller, A. (org.) *Lukács Reappraised*, New York, 1983; Marcus, J. e Tarr, Z. *Georg Lukács - Theory, Culture and Politics*, Transaction Publishers, USA, 1989. Um panorama abrangente da segunda vertente pode ser encontrado nas atas do colóquio "Para uma nova filosofia política. Aos 100 anos do nascimento de G. Lukács e E. Bloch", realizado em Milão. Publicadas sob o título Musillani, R. (org.) *Filosofia e Prassi*, ed. Diffusioni, Milão, 1989. Cópias xerografadas dos cinco artigos resenhados, bem como

Nesta resenha nos ocuparemos de cinco artigos publicados na Europa e no Canadá, nos últimos quatro anos, que defendem, cada um a seu modo, a importância da *Ontologia* para o debate contemporâneo.

O primeiro deles foi publicado em 1990 por Paul Browne, professor da Universidade de Ottawa, na revista **Science and Society**. Em frontal contraposição ao artigo de Agnes Heller, "Lukács later philosophy", in Heller (org.), *Lukács Reappraised*, New York, 1983, argumenta Browne que o retorno a Marx, proposto por Lukács em seus últimos escritos, é "de um modo genuinamente dialético, um passo avante no desenvolvimento de um novo patamar do materialismo histórico". O reconhecimento da historicidade do ser, do seu caráter de *complexo de complexos* – isto é, da sua contraditória totalidade – permite ao filósofo húngaro avançar na "elucidação da estrutura categorial do ser". Argumenta Browne que Lukács superou com sucesso as antinomias entre o social e o natural tão características do Iluminismo, ao mesmo tempo que evitou as armadilhas do absoluto hegeliano. Desse modo, forneceu os fundamentos teóricos para "uma concepção da totalidade das relações, historicamente constituídas, entre indivíduos, estruturas sociais, a totalidade social e a natureza". O artigo de Browne, além da sua competente abordagem das principais categorias da *Ontologia* de Lukács, é de particular importância por ser um dos poucos em língua inglesa.

Em 1991, o **Giornale Critico della Filosofia Italiana** publicou o artigo de Guido Oldrini, professor na Università degli Studi di Bologna, "Gramsci e Lukács Aversari del Marxismo della II Internazionale". Neste escrito, Oldrini busca se contrapor à concepção de que, nos anos 30, o marxismo de Lukács implicaria na adesão ao mecanismo e materialismo ingênuo do estalinismo. E, para isso, recorre à oposição de Gramsci e de Lukács ao marxismo da II Internacional.

dos títulos desta nota, podem ser obtidas mediante solicitação ao Centro de Documentação Lukács, Biblioteca Central, Universidade Federal de Alagoas, CEP 57072-970, Maceió, Alagoas.

Argumenta o autor que a concepção teórica de fundo, bem como a análise de fenômenos singulares por parte dos dois pensadores são radicalmente incompatíveis com todo e qualquer mecanicismo ou materialismo ingênuo, pois reconhece o papel ativo da consciência na conformação da sociabilidade. Além de um forte argumento a favor da importância e da originalidade das posições de Lukács para o desenvolvimento do marxismo nos anos 30, que o conduziam (juntamente com Gramsci, ainda que com intensidade e por vias distintas) a uma compreensão renovadora do marxismo enquanto ontologia, o artigo de Oldrini tem também o mérito de assinalar uma proximidade teórica de fundo, decisiva, entre Lukács e Gramsci que vai para muito além do plano político imediato: algo como conceber o pensamento marxiano enquanto uma nova *Weltanschauung*.

O ano de 1993 foi particularmente fértil na publicação de trabalhos em defesa da *Ontologia* de Lukács. Na Itália, Guido Oldrini publicou “Lukács e la via marxista al concetto di *persona*” “Le concept d’aliénation chez Weidegger et Lukács”.

O artigo de Oldrini, sem se propôr a esgotar o tema, reúne de forma abertamente polêmica os elementos mais significativos da *Ontologia* de Lukács, os quais lhe permitem demonstrar o equívoco daqueles que consideram ser o marxismo, com o seu característico reconhecimento da prioridade da reprodução material na esfera social, incapaz de tratar dos fenômenos da individualidade e da subjetividade. Com toda razão, argumenta Oldrini, que Lukács demonstrou que apenas concebendo a individualidade como elemento fundamental da totalidade social pode ser ela considerada no seu ser-precisamente-assim, evitando-se toda e qualquer fetichização do indivíduo ou a sua redução à assim denominada “infra-estrutura”. Segundo Oldrini, para Lukács, “a individualidade não pode ser de modo algum concebida como um *prius* abstrato, um dado imediato, um ponto de partida ou – para usar uma expressão do próprio Lukács – como uma ‘forma originária fundamental, de certo modo antropológica, do ser-homem’, mas sim como aquele ‘para-si’ que

surge pouco a pouco, através de atos conscientes de escolhas entre alternativas, no curso do desenvolvimento objetivo do desenvolvimento do ser social.” Longe de não conseguir trabalhar com as categorias da subjetividade e da individualidade, a *Ontologia* de Lukács seria, para Oldrini, um momento privilegiado para o avanço da compreensão de suas articulações internas mais decisivas. .

“Le concept d’aliénation chez Heidegger et Lukács”, de Tertulian, enfrenta a polêmica por um outro ângulo, ainda que o núcleo conceitual decisivo do artigo possua enorme proximidade com os artigos de Oldrini acima resenhados. O fenômeno do estranhamento (*Entfremdung*) seria abordado por Lukács e Heidegger por meio de formas rigorosamente antinômicas. Enquanto, neste último, o estranhamento é uma condição da existência humana, dada pelo esquecimento do “ser”, e cuja superação apenas teria lugar através de uma “escatologia secularizada” que reaproximasse os homens do contato originário com o ser; em Lukács, a concepção é completamente oposta. O estranhamento tem seu fundamento no desenvolvimento histórico do gênero humano, e a sua superação exige o desenvolvimento de formas crescentemente evoluídas da generalidade humana. Neste desenvolvimento, jogam um papel crescente as valorações e processos valorativos típicos da moral e da ética, que, cada um a seu modo, contribuiriam para elevar à consciência, em escala social, tanto a contraditoriedade real entre a reprodução do indivíduo e a da totalidade social, como também a insuperável necessidade, para a continuidade do devir-humano dos homens, do predomínio dos valores genéricos sobre aqueles meramente particulares, característico do *bourgeois* que se compreende como superior e antinomicamente distinto da totalidade social. Entre Heidegger e Lukács, e não apenas nas considerações acerca do fenômeno do *Entfremdung*, há uma enorme e intransponível autonomia, conclui Tertulian.

O último lance do debate acerca da *Ontologia* foi dado pelo artigo de Tertulian, “Lukács et le stalinisme”. O seu pano de fundo é a pu-

blicação do livro de Arpad Kadarkay, *Georg Lukács, Life, Thought an Politics* (Cambridge, Massachusetts, 1991), no qual é argumentado que Lukács se rendeu ao estalinismo sacrificando suas melhores potencialidades intelectuais da juventude a um dogmatismo teoricamente estéril. Desta perspectiva, a *Ontologia* nada mais seria que resultante da decadência do pensador húngaro que, no fim de sua vida, teria tentado justificar sua crença no comunismo elaborando uma ontologia, tal como os cristãos medievais construíram uma ontologia para fundamentar a sua crença em Deus.

Tertulian, neste longo artigo (mais de 40 páginas), se propõe a demonstrar a falsidade desta interpretação ao tomar como central a questão: foi Lukács um estalinista? A resposta de Tertulian é negativa. Todavia, ele não deixa de explorar os meandros da relação entre Lukács e a ordem soviética, de modo a demonstrar como a produção teórica de Lukács, mesmo nos anos 30 em Moscou, e até mesmo naqueles momentos em que se alinhou politicamente e aparentemente cedeu à ortodoxia oficial, exibia um inequívoco caráter de oposição às concepções estalinistas mais decisivas. Ao matizar entre o alinhamento político ao lado do estalinismo e uma oposição frontal a *Weltanschauung* marxista vulgar, Tertulian lança as bases para a sua posição neste debate: Lukács optou por combater “de dentro” o estalinismo, por considerar que a ordem soviética possuía maiores potencialidades à efetivação da emancipação humana que o mundo ocidental. Se Lukács estava correto ou não nesta avaliação, ainda que uma questão importante, não altera o fato de Lukács, teórica e praticamente, ter sido um opositor no interior do próprio estalinismo.

A riqueza do artigo de Tertulian, contudo, não se esgota nesta comparação, certamente decisiva, entre a *Weltanschauung* de Lukács e a do estalinismo (momento em que, uma vez mais, encontramos uma forte proximidade com o artigo de Oldrini acerca de Lukács e Gramsci, acima considerado). Ele expõe uma quantidade impres-

sionante de momentos nos quais Lukács se opôs ao estalinismo por ações concretas, desvelando uma faceta de militante anti-estalinista do filósofo húngaro há muito esquecida. Esta associação entre o teórico e o militante anti-estalinista *no interior do próprio estalinismo* é que permite a Tertulian argumentar, de forma decisiva, jamais ter sido Lukács um estalinista.

Sérgio Lessa

Professor de Filosofia Política pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Doutorando em Ciências Sociais na UNICAMP.

Área de interesse: Trabalho e Sindicalismo.